

## O DISCURSO ARGUMENTATIVO NAS TESES FEMINISTAS ARGUMENTATIVE SPEECH IN FEMINIST THESIS

Jayne Carla Bezerra da Silva <sup>1</sup>  
José Inácio Júnior<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente artigo é analisar as teses sobre as ideias feministas tomando por base os estudos da argumentação e refletir sobre as transformações do movimento feminista ao longo do tempo. Propomos em investigar como se constrói os elementos argumentativos no discurso sobre as ideias feministas diante da história. Para tanto, intentamos analisar o texto “A classe no feminismo e o feminismo nas classes”, publicado na revista QG feminista. Nossos resultados apontam uma pesquisa sobre às três ondas feministas, bem como suas origens, causas, pautas e principalmente, as conquistas que conseguiram aglutinar em suas batalhas, nos situando assim nesse vasto e rico (do ponto de vista linguístico e social) mundo do discurso feminista.

**Palavras-chave:** Argumentativo. Discurso. Feminismo.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze the theses on feminist ideas based on the studies of argumentation and to reflect on the transformations of the feminist movement over time. We propose to investigate how argumentative elements are constructed in the discourse about feminist ideas in the face of history. To this end, we intend to analyze the text “The class in feminism and feminism in the classes”, published in the feminist HQ. Our results point to research on the three feminist waves, as well as their origins, causes, agendas and mainly, the conquests that managed to bring together in their battles, thus placing us in this vast and rich (from a linguistic and social point of view) world of discourse feminist.

**Keywords:** Argumentative. Speech. Feminism.

### INTRODUÇÃO

O movimento feminista, bem como as histórias que fazem parte da vida das mulheres, de modo geral, revelam muitos momentos de lutas e de buscas incansáveis por independência, igualdade e respeito. As mulheres produziram muitos discursos e defenderam as ideias

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: jaynibezerra@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: jinaciojunior20@gmail.com.

recorrendo aos inúmeros argumentos na tentativa de persuadir e/ou convencer o público sobre as concepções e ideias feministas. O discurso sobre as ideias feministas é passível de análise no campo da argumentação, uma vez que pode ser tomado como base nas noções teóricas no âmbito das relações entre o discurso feminista e a argumentação.

O entendimento adquirido neste trajeto pela busca por conhecimento servirá como que um norte para só assim inferirmos quais elementos argumentativos estão de fato presentes no texto. “A classe no feminismo e o feminismo nas classes” (2018). Texto esse que traz uma crítica ácida a radicalização de um movimento que deveria englobar a batalha por uma igualdade de gênero que fosse ainda mais adiante, ou seja, que travasse lutas que não respondesse apenas há um pouco números de adeptos, batendo assim várias vezes na tecla de que o capitalismo acentuou ainda mais uma desigualdade que já acontecia na própria sociedade de classes.

Para discutirmos o discurso feminista sob a perspectiva da argumentação, tentaremos expandir nosso conhecimento levando em consideração algumas noções do campo de saber do discurso argumentativo. Após o mergulho teórico na argumentação, analisaremos o discurso feminista estabelecendo uma relação para com o tempo, a história e a sociedade. Todo esse embasamento nos oportunizará entender que o discurso apresenta grande importância para o entendimento das transformações histórico-sociais.

## O DISCURSO ARGUMENTATIVO

O discurso tem como significação bastante elementar o uso público ou social da linguagem falada ou escrita, seria por assim dizer, a comunicação entre duas ou mais partes. O discurso argumentativo traz em seu corpo – materializado em texto, imagem ou outro – elementos persuasivos de maneiras mais intensas do que outros, levando em consideração o raciocínio de que existem textos mais argumentativos do que outros. Muitos quando pensam no termo “argumento” logo imaginam uma discussão acalorada, um conflito altercado ou um espaço em que são despejadas altas cargas emotivas. Porém, o discurso argumentativo é o discurso que consiste principalmente de um ou mais partidos que apoiam suas ideias e opiniões, que no íntimo do seu autor, considera “o outro como capaz de reagir e de interagir diante das propostas e teses que lhe são apresentadas.” (Mosca, 2004, p.17)

Os discursos manifestam marcas argumentativas diferentes e variadas. Muitos apresentam um caráter mais formalista, em que os escritores ou falantes cautelosamente tentam expandir uma corrente de ideias básicas com uma determinada ideia de apoio, tendo elas, muitas vezes, um embasamento técnico. Já outros apresentam elementos argumentativos de uma maneira mais ampla e tentam incumbir seus argumentos em intuições e emoções em vez do uso de apuração de fatos específicos. O discurso argumentativo como um modo de retórica se

caracteriza muito mais com a primeira manifestação de marcas, argumentação, do que com a segunda, retórica, haja vista que para uma melhor tentativa de persuasão, por parte do orador para com a aquisição de novos adeptos/espíritos à tese defendida, é preciso a colocação de posicionamentos cada vez mais técnicos em vez de intuitivos, levando em conta que a retórica tem um compromisso não com verdades, mas com verossimilhanças. Tomando como base tais nortes estabelecidos, analisaremos ao longo deste artigo quais as marcas argumentativas que estão presentes no discurso feminista, mais especificamente no texto “A classe no feminismo e o feminismo nas classes”.

Por hora vamos nos lembrar que falamos anteriormente no discurso argumentativo como modo de retórica, mas somente falar sobre tal modo não nos ajuda a compreender de fato suas noções e definições. Por isso podemos refletir bem na definição de PERELMAN, que foi citado por Mosca em “Retórica de Ontem e Hoje”, dizendo que o objetivo da argumentação “é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento” (Mosca, 2004, p. 21). Ou seja, a retórica tem como noção fundamental a adesão de um ou mais espíritos apenas por meio da utilização da argumentação.

Pensar no discurso argumentativo envolve pensar no objetivo que ele tem, de agir sobre os outros tendo em vista as noções de *ethos* e *phatos*. Eduardo Lopes Pires no artigo “A Dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de *ethos* e de *pathos*” define o *ethos* “como uma construção do discurso que pode compreender tanto a dimensão moral, quanto a dimensão social do orador” (Pires, 2012, p. 55). Ou seja, é por meio do caráter moral do *ethos* que o orador vai persuadir o auditório. O auditório por sua vez vai construir uma “imagem de si”, não do orador especificamente, mas do que ele expressa no discurso. Pires aborda ainda o *phatos* “como algo ligado às paixões” (p. 56), mostrando assim que para o orador ser persuasivo, ele deve procurar suscitar emoções e sentimentos no auditório. Deter conhecimentos prévios como esses nos ajuda a perceber a relevância dos discursos argumentativos na nossa vida, principalmente, se o nosso objetivo for realizar um estudo alicerçado por tais discursos, como é o caso do discurso feminista.

Nosso estudo no âmbito de um campo de saber tão rico como o da argumentação nos possibilita a oportunidade de realizar análises singulares nos discursos produzidos mundo afora. Para auxiliar essas particulares análises, colocamos em prática o entendimento de que o discurso persuasivo geralmente é eficaz ao atingir um grande número de pessoas dentro de um público-alvo. Sendo assim, as perguntas que devem nortear nossos próximos passos nessa complexa trajetória de descobrimentos são: o movimento feminista faz uso do discurso persuasivo com a finalidade de aderir mais espíritos em suas teses? Se a resposta for positiva, como isso fica evidente?

Antes de partirmos para uma análise mais profunda, vamos tentar desenvolver certo domínio sobre as teses feministas, bem como suas relações com a historicidade e a sociedade. Realizar a obtenção das noções e conceituações presentes no movimento analisado é parte essencial do caminho a ser trilhado. Situar-nos levando em consideração determinados referenciais, engrandecerá nosso intelecto e nos ajudará na preparação do terreno por assim dizer, para aí sim partirmos para uma análise mais imparcial, criteriosa e consequentemente, eficaz.

## O DISCURSO FEMINISTA

Para iniciarmos nossa viagem em meio ao discurso feminista devemos entender que esse estudo tem como intuito nos dar uma base sólida no que diz respeito às falas feministas produzidas ao longo da história. Vamos perceber que essas falas foram mudando com o passar do tempo, haja vista que o discurso está intrinsecamente ligado com a história e suas transformações.

Vamos perceber, por exemplo, que no início do século XIX o objetivo principal do movimento feminista estava ligado à educação, partindo do princípio de igualdade, que todas as meninas deveriam ter acesso a educação assim como os meninos. Hoje, depois de ter conquistado parcialmente uma vitória com relação a essa batalha, o discurso feminista faz uso de outras pautas, como discussões acerca do aborto. Esse é somente um exemplo de como a historicidade e a sociedade transformam o discurso sem necessariamente mudar sua essência. Um exemplo dessa essência é a premissa básica do discurso feminista, que ainda consiste na luta pela igualdade de gênero.

A história nos mostra que foi munindo-se dos ideais liberais dentro do iluminismo, que as mulheres começaram a se ver como seres com direitos particulares, no século XIX, o principal objetivo pairava sobre a educação, a reivindicação ao direito do voto feminino destacando-se dentro dos reclames das sufragistas.

Na Inglaterra, Emily Davison, veemente integrante desse grupo, vira mártir ao tentar chegar até o rei e ser morta pelo seu cavalo, após estratégias mais coercitivas por parte delas, as coisas vão aos poucos avançando, mesmo com tal causa, o movimento era compreendido por mulheres da elite, isto é, burguesas brancas, o que por si só já excluía a participação de qualquer subclasse social.

Já em meados dos anos 1950, dá-se início ao que se conhece hoje por “feminismo radical”, a segunda onda caracterizou-se por uma fase de luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade, marcada ela por protestos contra a objetificação da mulher, haja vista as críticas à pornografia e aos concursos de miss.

Questiona-se a repressão sofrida através do casamento e da maternidade, nela cria-se a

necessidade da mulher contar a sua própria história, sem interferências da opinião masculina, tal como é definido por autoras como Dorothy Smith e Patricia Collins, a segunda onda tem seu auge entre os anos 60 e 70, época essa da bandeira hippie e da proclamação da liberdade sexual, dentro desta etapa o pessoal é político, mulheres marxistas identificam-se com o que é posto como direitos femininos, a segregação racial nos Estados Unidos da América sofre mudanças, mas os direitos das mulheres afro-americanas ainda é tabu fortíssimo, e elas continuam, assim, os seres mais esquecidos e negligenciados dentro das legislações.

Com a chegada dos anos 1990, é individualismo da mulher que ganha espaço, agora aspectos da sociedade patriarcal, tais qual a prostituição e a pornografia afastam-se mais do campo da violência e aproximam-se à sexualidade, enquanto “possibilidade de libertação” do sexo feminino, a viabilização da internet e das novas tecnologias ilustram esse período de total negação a corporativismos, agora sexo e gênero são vistos como pura construção social, exemplo dessa visão, é o livro “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade”, lançado no início da década por Judith Butler, filósofa pós-estruturalista e uma das mais notórias teóricas do feminismo contemporâneo. É interessante também, acrescentar o movimento de apropriação de termos pejorativos e misóginos utilizado contra as mulheres, e a sua resignificação como forma de empoderamento feminino e reafirmação da causa, o foco na terceira onda é a interseccionalidade.

Todo esse percurso de lutas por igualdade, liberdade e “empoderamento” coloca o discurso feminista dentro da perspectiva de transformações e remanências. No texto “Resposta a uma questão” (1968), citado por Cleudemar Alves Fernandes no livro “Discurso e Sujeito em Michel Foucault”, Foucault reflete: “Estudei alternadamente conjunto de discursos; caracterizei-os; defini os jogos de regras, de transformação, de limiares, de remanências; eu os compus entre eles, descrevi os feixes de relações”.Essa fala mostra que os discursos em conjunto, podem ser caracterizados de acordo com as regras que eles seguem com o intuito de se fazerem discursos, também por meio das transformações acontecidas através do tempo, além do ponto que marca a representação do limite ou fronteira discursiva na história, bem como da permanência da essência ou dos pontos principais do discurso através dos ciclos temporais.

A análise argumentativa tudo tem a ver com essas modificações e remanências do discurso mediante a linha temporal. Os argumentos mudaram de acordo com as transformações, mas muitos se fizeram ainda presentes devido a também permanência de determinados aspectos construtivos acerca destes discursos. Por isso este artigo tem como objetivo levantar as seguintes perguntas: quais argumentos são usados hoje para a construção desse discurso? Qual o auditório desse discurso? Qual a imagem construída pelo auditório, tendo em vista o tal discurso e seus elementos persuasivos? Quais os sentimentos e emoções esse discurso suscita no auditório?

Indagar tais questões diante do discurso feminista, bem como em outros, é de extrema importância. Mas fazer isso de maneira mais generalizada pode ser um tanto disperso. Por esse motivo vejamos agora esses importantes questionamentos na análise do texto “A classe no feminismo e o feminismo nas classes”.

## OS ELEMENTOS ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO FEMINISTA

O texto “A classe no feminismo e o feminismo nas classes” (2018), publicado pelo grupo Feminismo com Classe na revista QG Feminista traz em seu corpo ácidas críticas ao que ele classifica de feminismo radical. Feminismo esse que exclui as mais variantes classes e mulheres nelas presentes. O texto coloca em questão a acentuação que o capitalismo provoca nas desigualdades já existentes nas classes. Para tanto, são utilizados argumentos que se distanciam do senso comum, bem como também das intuições e que se sustentam em bases sólidas. A publicação visa aderir novas adeptas a tese apresentada que tem como objetivo trilhar um novo pensamento com relação à luta do movimento feminista, isto é, redirecionar as pautas feministas para o contexto de classes pretendendo assim erradicar com as generalizações e conseqüentemente com os preconceitos derivados dessas.

O auditório deste discurso são todas as mulheres que participam do movimento feminista e ainda se sentem de algumas formas excluídas de boa parte dos manifestos produzidos ao longo do tempo, especialmente os de hoje em que a tendência consumista aprofunda ainda mais a crise da desigualdade. Outro público que esse texto atinge são aquelas mulheres que estão para além da baixa classe social, aquelas mulheres negras e periféricas que acabam sendo marginalizadas dentro do próprio movimento. Porém como toda produção argumentativa, esse texto segue os mesmos objetivos descritos na primeira seção. Ele visa aumentar o número de espíritos a tese defendida. Dessa forma, podemos inferir que ele visa atingir em cheio aqueles movimentos segregacionistas pertencentes à pauta feminista. Tenta alertar as mulheres de classe alta, brancas e privilegiadas que o caminho percorrido até agora não é suficientemente completo no que diz respeito à busca pela igualdade. Pelo contrário, o caminho percorrido em divisões acaba se tornando muito mais tortuoso e complexo, isto é, mais difícil de atingir os objetivos do movimento.

O texto tenta provocar neste auditório um sentimento de justiça diante de tantas falas “empoderadas” que acabam silenciadas devido ao escárnio provocado pelo preconceito. Leva-nos a refletir que se nada for feito para que haja uma mudança significativa nos rumos do movimento feminista, a segregação se tornará tão forte que o movimento por sua vez perderá o interesse de jovens mulheres que acabam sendo deixadas de lado. Contribuindo assim para o desestímulo a luta a favor da igualdade de gênero, provocando de forma ainda mais intensa o aprofundamento

do abismo social existente entre homens e mulheres.

Em uma análise mais profunda podemos perceber que é ele, o contexto de classe, o que sempre reaparece dentro do texto. De início, dá-se logo a contraposição, o paradoxo que existe entre as ideias radicais feministas e o conceito do teor exclusivo dentro do próprio movimento, e é utilizando-se dos argumentos que dizem respeito ao efeito no meio através do processo sociohistórico e da diferença entre as mulheres de ontem e de hoje, bem como o impacto particular que cada uma delas provocou e provoca de acordo com os ideais que abarcam o feminismo, que a autora afirma que dentro do que se busca como direitos de equidade para as mulheres há toda uma variedade de necessidades e de deficiências sociais a afetarem cada uma de maneiras particulares, não fazendo sentido, assim, generalizar a causa e as suas reclamantes, já que, por exemplo, a realidade, seja ela cultural, social, ou econômica de uma mulher periférica da década de 2010, jamais se encaixará no que se identificou como a onda mais radical do feminismo, nos anos 60, que de acordo com a época e com as suas participantes tratava-se basicamente de mulheres brancas e burguesas.

Isto é, os objetivos das feministas dependerão da forma como o patriarcado as atinge, e ainda assim isso se dará de formas distintas, de acordo com o modo com que o capitalismo influencia em suas vidas, o feminismo em si, ou pelo menos, o seu objetivo inicial e principal seria o de juntar todas essas diferenças dentro de uma só causa, mas sem jamais apagá-las ou ignorá-las em detrimento do avanço do próprio feminismo. De tal forma, mesmo ao fazer uso de ferramentas e fundamentações parecidas, um tipo de feminismo, se assim pode-se categorizar, jamais obterá o mesmo resultado que outro tipo de feminismo a ele adverso, uma vez que a razão social e ideológica desses serão por si só estranhas uma à outra.

Segundo o artigo, *o pessoal é político* dentro do feminismo radical quer dizer que tudo aquilo que ocorre dentro do meio privado é um reflexo direto para o que acontece também lá fora, mas que isso não significa que tudo o que acontece dentro do âmbito pessoal seja igual. Como movimento político, a luta feminista como qualquer outra subentenderia uma briga de interesses, e é isso o que a autora deixa bastante claro nesta parte do seu trabalho, haverá sempre quem distorça, aproprie-se e esvazie o seu sentido para lucro individual, uma vez que tal qual ela demonstra, o discurso dentro do movimento pela conquista de igualdade entre os sexos é um prato cheio para contradições, já que é uma contenda que abarca, ou ao menos deveria abarcar teoricamente, os interesses de mulheres de todos os lugares, raças, credos e etnias.

Ressaltando que em nenhum momento diz-se que raça e classe não importam dentro dos motivos do apelo feminista. Afinal, “Onde uma mulher tem status privilegiado em relação a um homem, será porque ela é branca e ele é negro, ela é classe média e ele classe trabalhadora, não porque ela é uma mulher.” (MAHONY; ZMROCZEK, 1997, s/p). O que acontece para o sexo

oposto no que inclui os conceitos do patriarcado é justamente o privilégio que é dado aos homens simplesmente por terem nascido com esse sexo, é por isso, inclusive, que o feminismo radical acaba tratando esta questão, a do sexo, mais como uma pauta para a luta de classes do que qualquer outra coisa, e é a partir disso, do conceito de que o sexo posto em vantagem em deferência de outro colocado em preterição, que de acordo com o texto, não adiantaria derrubar as classes para benefício das mulheres, porque embora o capitalismo sirva de alicerce para o funcionamento da mecânica patriarcal, ele não é resultado dela, e, além disso, a opressão contra o gênero feminino vem de muito antes do início do sistema capitalista. Entretanto, se pegarmos a lógica da dominação do homem branco e a colocarmos dentro da perspectiva racial, conseguimos sim dizer que o racismo e toda a questão que o abrange vêm como um efeito colateral, como um subproduto desse sistema, mas até mesmo antes da antiguidade clássica já haveria resquícios de sociedades patriarcais, comunidades afastadas do homem branco, mas que mesmo assim já possuíam subdivisões de classe e relações baseadas no gênero. É aí que entra o fator progressista dentro da comunidade negra através dos anos, posto que de acordo com as citações feitas, tais intentos se concentravam na causa racial apenas, e por isso não devem ser confundidas com progressões também feitas em prol da questão de gênero e sexualidade, uma vez que de nada serviu para as mulheres negras, não como mulheres.

Mais uma vez, a autora reforça a necessidade da mobilização de todas as mulheres dentro do feminismo como um todo, para que ele seja efetivamente um movimento de libertação de e para todas elas, e deixa claro que *o feminismo radical é ainda a base teórica fundamental a apontar a dominação masculina como sendo causa absoluta para a opressão das mulheres*, e por isso deve sim ser reconhecida como causa maior de todas as outras opressões que disso possam advir. Ressalta a importância de todas as mulheres reconhecerem-se dentro de suas diferentes vivências, mas sem jamais afastarem-se da raiz do sexo que as oprime ou da realidade que as separa racial/socialmente, e deixa claro, por fim, que o feminismo é o único caminho possível à frente, visto que a luta pelos direitos da mulher nada mais é do que uma luta pela condição humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar argumentativamente um discurso é uma tarefa um tanto trabalhosa, porém bastante recompensadora do ponto de vista intelectual, pois engrandece nossas visões de um modo que não tem como não saborear cada nova descoberta advinda de tais investigações.

Investigação essa que parte de uma fundamentação teórica importantíssima, que auxilia no desenvolvimento do domínio de certas noções e definições, especialmente quando diz respeito ao campo da argumentação. Com entendimento correto e um auxílio guiador que é o conhecimento pudemos inferir no texto “A classe no feminismo e o feminismo nas classes”

(2018) quais são os elementos argumentativos passíveis de análise. Encontramos o ethos e o pathos, além de identificarmos em tal discurso o auditório a quem ele se dirige.

Toda essa investigação teve como material de observação um texto que representa bem a voz da luta e da busca por uma sociedade mais igual em gênero, raças e classes. Um discurso que assim como todos os outros detém uma relevância social, histórica e cultural gigantesca. Um discurso que deixa marcas, marcas que transformam uma história, história que nos situa no mundo, mundo esse que é movido por discursos.

## REFERÊNCIAS

A classe no feminismo e o feminismo nas classes. **QG feminista**, 2018. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/a-classe-no-feminismo-e-o-feminismo-nas-classes-3a5237b246b7>. Último acesso em: 27 de setembro, 2019.

FERNANDES, Cleudimar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Editora Intermeios, 2012.

MAHONY, Pat; ZMROCZEK, Christine. **Women and social class: international feminist perspectives**. London: Pat MAHONY, 1999.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de ontem e de hoje**. 2. São Paulo: Humanitas, 1997.

O que é discurso argumentativo?. Netsaber resumos, 2019. Disponível em: <http://resumos.netsaber.com.br/resumo-143818/o-que-e-o-discurso-argumentativo->. Último acesso em: 27 de setembro, 2019

PIRIS, Eduardo Lopes. A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de ethos e de pathos. **Revista eletrônica de estudos integrados em discurso e argumentação**, Ilhéus, n. 2, p. 52-62, mai. 2012.